

Masculinidade atrás do balcão: *Bebê Rena* e um caso de protagonismo reverso¹

Valmir MORATELLI²

Tatiana HELICH³

Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, RJ

RESUMO

Este projeto pretende originar um artigo que investigue a perspectiva da masculinidade e os códigos sociais relacionados ao corpo masculino na identidade de gênero socialmente construída. A partir da análise da série *Bebê Rena*, de 2024, disponível na Netflix, surgem apontamentos sobre a representação discursiva da masculinidade num ponto focal diverso, no papel de vítima da ação de outra, sem pleno exercício de poder e liderança.

PALAVRAS-CHAVE: masculinidade; ficção; streaming; representação; comunicação.

INTRODUÇÃO

Um homem entra aflito em uma delegacia de polícia. O ambiente está vazio e silencioso, apenas um policial. O homem se dirige ao balcão onde, do outro lado de um vidro se encontra a autoridade. Segue o seguinte diálogo:

- Boa noite, como posso ajudar?
- Eu queria fazer uma denúncia... O que eu faço?
- Qual é a sua denúncia?
- Não sei como dizer isso... Mas estou sendo perseguido.
- Por um homem ou mulher?
- Por uma mulher. Ela é mais velha.
- Não levamos em conta a idade nestes casos.
- Tudo bem.
- Você manteve relação sexual com ela?
- Não, não tive relação. Ela fica me perseguindo, vigia minha casa, ronda o meu trabalho, manda email e faz telefonemas o tempo todo.
- Eles contêm algum tipo de ameaça?
- Ah sim, com certeza... Deixa eu mostrar um deles para você... Aqui ó.
(*Na mensagem do celular aparece “I just had an egg”, em tradução seria “Eu acabei de comer um ovo”*).
- Eu não diria que isso é um tipo de ameaça.
- Calma, tem muitos outros que são. Eu preciso encontrar eles... É sério. Eu estou muito preocupado, ela precisa de ajuda.
- Há quanto tempo isso acontece?
- Eu sei lá, acho que há uns seis meses.
- Seis meses? E por que você demorou tanto para denunciar?

¹ Trabalho apresentado no GP Ficção Televisiva Seriada, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutor em Comunicação pelo PPGCOM da PUC-Rio, email: vmoratelli@gmail.com

³ Doutoranda em Comunicação pelo PPGCOM da PUC-Rio, email: tatihelich@gmail.com

Este é o diálogo inicial da primeira cena do primeiro dos sete episódios da série *Bebê Rena*, lançado em 2024 pela Netflix. Inspirada num caso real, protagonizado pelo próprio ator que a interpreta, o irlandês Richard Gadd, a obra conta a história de Donny Dunn, envolvido num caso de abuso e perseguição. O ator foi seguido por quatro anos, nos quais recebeu 41.071 e-mails, 350 horas de mensagens de voz, 744 tuítes, 46 mensagens no Facebook, 106 páginas de cartas e inúmeros presentes. A obsessão começou, de fato, após ele oferecer uma xícara de chá para uma mulher que entra no estabelecimento no qual trabalhava. De acordo com Gadd, isso aconteceu em 2015. Ele trabalhava em um bar em Londres e ofereceu a bebida para a cliente e os dois começaram a conversar. Após esse encontro, a perseguição começou.

Na cena descrita acima, Donny não consegue ajuda policial, que desdenha do caso. A partir daquele ponto narrativo, ele começa a narrar em primeira pessoa o tormento de ser perseguido dia a dia por uma desconhecida, que começa a chantageá-lo e a fazer ameaças de cunho pessoal. Ao longo da narrativa, Donny precisa lidar com traumas particulares de seu passado recente enquanto um ator de comédia frustrado ao tentar espaço no show business.

A personagem Martha, acusada por Donny de ser perseguidora inveterada, seria uma espécie de caricatura de mulheres que “amam demais”, tão presente em diversas outras narrativas ficcionais. Porém, o que desperta mesmo interesse aqui é a figura masculina protagonizada por Richard. A série traz luz a um drama que envolve as relações masculinizadas, sendo o homem ocupante de um lugar de vítima. Troca-se as posições entre abusador e abusado.

Bebê Rena causa estranheza inicial justamente pelo impacto dessa troca de papéis no conflito central. É o homem que se vê fragilizado diante de uma mulher decidida a praticar ações a seu bem-querer. Sob esta postura inferiorizada, ele precisa lidar com a compreensão fragilizada de sua masculinidade, colocada à prova a cada novo conflito da série.

OBJETIVOS

Este trabalho propõe discutir a construção dessa narrativa seriada sob a ótica dos estudos de gênero e representações de estereótipos. A quebra de paradigmas na percepção da masculinidade “clássica” permite discutirmos também as novas formas de

representação de gênero que as plataformas de streaming vêm promovendo em suas obras disponíveis ao grande público.

Em *Bebê Rena*, o machismo e as pressões sociais comumente provocadas por homens estão nas falas e piadas sexuais dos amigos de bar de Donny, que se divertem com a situação provocada pela presença diária de Martha. Eles esnobam o vínculo problemático que Martha cria a cada nova aparição.

Manipuladora e sempre no comando da ação, como uma mulher apaixonada e entregue ao rapaz, ela deixa Donny numa situação quase de coadjuvante, por guia-lo ao drama. Seu afeto exacerbado por ele é o drama central da narrativa. As relações desajustadas, e frustrações causadas por elas, permeiam a memória de Donny, que não sabe como romper a barreira da afetividade explorada pela sua perseguidora.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Diferentes autores já identificaram a relação cultural entre liderança e masculinidade, como Kellerman (1984), French e Raven (1984) e Eagly e Carli (2004). A proposta de análise aqui se baseia no discurso a ser detalhado de cenas que reforçam como os estereótipos de poder e obediência passam por valores de identificação imediata de um comando ativo de ação, atrelado a capacidades sexuais e descrições físicas de anatomia.

Por isso, usaremos como metodologia a descrição de algumas dessas cenas cruciais da narrativa com o aporte teórico de estudiosos sobre gênero (LE BRETON, 2010; RODRIGUES, 1975; VIGARELLO, 2006; OLIVEIRA, 2004, entre outros). A hipótese levantada é a de que há um ineditismo de se trabalhar a masculinidade sem o penhor estigmatizado (GOFFMAN, [1963] 2008) de seus valores.

Neste atravessamento, nos interessa discutir as representações do corpo masculino no topo da hierarquia social e seu choque, no caso de *Bebê Rena*, ao se servir de contraponto. Se os aspectos compartilhados do que é ser homem passam por avaliações de capacidade, agilidade, destreza física e capacidade reprodutiva, o exercício da masculinidade não passa por colocar em prática, aos olhos de outrem, absolutamente todas essas possibilidades. “Ser homem não é, necessariamente, ser isto ou aquilo, mas pode também ser isto e aquilo” (GOMES, 2008, p. 74). Também nesse sentido, Almeida (1996) chama atenção que se deve distinguir e inter-relacionar constantemente a masculinidade como princípio simbólico e as várias masculinidades (no sentido de várias

identidades de homens), para que se evite banalizações generalizadas do conceito. Ou seja, “a masculinidade (como princípio simbólico) é mobilizada para a definição de um gênero sexual (os homens)” (1996, p. 176), enquanto que gays, mulheres e idosos em geral são facilmente excluídos dessa prática de poder, já que não atenderiam a todos requisitos preestabelecidos.

Alain Corbin, Jean-Jacques Courtine e Georges Vigarello (2013), em *História da virilidade*, analisam que a afirmação do homem passa por uma articulação de perfeição, que não deve ser questionada. A virilidade seria a parte máxima do homem, a que articula este sujeito a seu posicionamento social, dando-lhe legitimidade para exercer sua dominação nos âmbitos particular e público. “O vir (viril) é mais do que homo (homem): representa o homem sem falhas, distante das contradições e falhas, associados à subordinação. Da exposição da força física à contenção dos hábitos, são múltiplas imagens e ações viris” (MACHADO, 2019, p.2). Na contraposição, o corpo feminino seria uma expressão imperfeita do masculino.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na Modernidade, a noção de virilidade é importante forma de diferenciação perante outros grupos de homens e de mulheres. Além do aspecto sexual, no sentido de fertilidade ou de capacidade de gerar herdeiros, a virilidade é compreendida como sinônimo para força física e seus desdobramentos (vigor, segurança, coragem, habilidades diversas, agilidade, gerenciamento e comando, autocontrole, virtuosidade). Mas, além disso, seria também forma de fomento do Estado.

Neste trabalho vamos aprofundar as análises da construção narrativa proposta por *Bebê Rena* e os novos olhares para esta masculinidade que se apresenta ao telespectador. Dessa forma, discutiremos como o protagonista parte de traumas e abusos para entender sua masculinidade, esta que não corresponde ao padrão imposto pelo meio social, pelas mídias, pelo mercado e pela ciência. Com a série, a Netflix foge ao clichê ao contar uma história que coloca um homem cuja masculinidade está em crise no centro. Ele próprio, o protagonista, está fragilizado. Nesta narrativa, a figura masculina passa de “virtual predador sexual para abusado” (BENTES, 2024).

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. V. de. Gênero, Masculinidade e Poder: revendo um caso do sul de Portugal. **Anuário Antropológico**, v.20, n.1, p.161–189. 1996. Disponível em <<https://periodicos.unb.br/index.php/anuarioantropologico/article/view/6602>>.

BENTES, I. Como “Bebê Rena” parte de traumas e abusos para encarar masculinidade em crise sem clichês. **Revista Cult**, 06, mai., 2024.

CORBIN, A.; COURTINE, J-J.; VIGARELLO, G. (orgs). **História da virilidade** (1. A invenção da virilidade, da antiguidade às Luzes). Petrópolis: Ed: Vozes, 2013.

EAGLY, A. H.; CARLI, L.L. Women and Men as Leaders. In: ANTONAKIS, J; CIANCIOLO, A.T.; STERNBERG, R. J. **The Nature of Leadership**. Thousand Oaks, CA: Sage Publications, 2004

FRENCH, J.R.; RAVEN, B. The Bases of Social Power. In: KELLERMAN, Barbara. **Political Leadership: A Source Book**. Pittsburgh, PA: The University of Pittsburgh Press, 1984.

GOFFMAN, E. **Estigma**. Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4ª edição. Rio de Janeiro: LTC, [1963] 2008.

GOMES, R; GRANJA, E. M. dos S.; HONORATO, E. J. S.; RISCADO, J. L. de S. Corpos masculinos no campo da saúde: ancoragens na literatura. **Revista Ciência & Saúde Coletiva**, ed.19, n.1, p.165-172, 2014. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/csc/a/NZrGqXScNRNZ97wdxWwWN/?lang=pt>>.

KELLERMAN, B. **Political Leadership: A Source Book**. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 1984.

LE BRETON, D. **A sociologia do corpo**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

MACHADO, E. de A. Resenha de História da Virilidade: a invenção da virilidade, da Antiguidade às Luzes. **Revista História**, UEG - Porangatu, v.8, n.1, e-811909, jan./jun. 2019. Disponível em <<https://www.revista.ueg.br/index.php/revistahistoria/article/download/8978/6710/>>.

OLIVEIRA, P. **A construção social da masculinidade**. Belo Horizonte: Ed. UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2004.

RODRIGUES, J. C. **O Tabu do Corpo**. Rio de Janeiro: Edições Achiamé, 1975.

VIGARELLO, G. **História da beleza**. Trad. de Léo Schlafman. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.